

A PRÁTICA DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A APLICAÇÃO DA LEI 10.639 NO AMBIENTE ESCOLAR: A CAPOEIRA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E DA CIDADANIA

Genilson César Soares Bonfim

RESUMO

Esta pesquisa busca uma abordagem bibliográfica através de um enfoque nos fatores pedagógicos do uso da capoeira na educação física escolar, com o apoio dos PCN's e sua aplicação e princípios pedagógicos do uso das lutas na educação física escolar, revelando as competências motoras adquiridas pelos alunos durante a participação nas aulas de capoeira na escola. Tratamos ainda da importância da formação do professor de capoeira e sua didática de ensino, dando ênfase a formação acadêmica e sua contribuição no ensino da capoeira no ambiente escolar. E levantamos a importância da capoeira como meio de inclusão social e resgate da cidadania, como utilizar a prática da capoeira na educação física escolar e sua contribuição para a aplicação da Lei 10.639, o reconhecimento da capoeira como forma de resgate dos valores de nossa sociedade, a cultura corporal do movimento a partir da visão afro-brasileira e sua influência na sociedade contemporânea, e finalmente a capoeira como instrumento promotor da inclusão social e fomentadora da cidadania.

Palavras-Chave: Capoeira, inclusão, educação física escolar, didática, e ensino.

Introdução

O esporte favorece o conhecimento do corpo como um todo, o desenvolvimento intelectual e moral, mudanças comportamentais, convívio social e estabilidade emocional, combatendo o estresse e promovendo a reenergização individual e/ou coletiva. A capoeira manifesta-se como jogo, como luta e como dança, sem assumir efetivamente nenhuma destas características isoladamente, mas sendo todas ao mesmo tempo. Ela reúne, portanto, grandes instrumentos para a educação escolar, como a música, o ritual, a expressão, a harmonia e sua pluralidade de manifestações corporais e culturais. São muitas as possibilidades do corpo humano através da capoeira. Observando as três dimensões que envolvem o esporte, esforço físico orientado e constante, submissão a regras organizativas, próprias, e objetivos de competição, mesmo que o esporte se faça praticar com objetivos puramente recreativos,

os benefícios proporcionados à formação total do indivíduo são inerentes. O aluno/atleta deve ser levado a se conscientizar que é um corpo em movimento, o qual é passível de ser conhecido, conhecer-se e dominar-se. A Capoeira torna-se fundamental para criança, no momento em que há a descoberta do próprio corpo como instrumento de comunicação. Assim ela desperta o interesse pela história, musicalidade e outras atividades que esta prática proporciona, na medida em que instiga o autoconhecimento e a análise crítica de possibilidades e limites, facilitando o desenvolvimento das diversas formas de inteligência e o convívio social.

Em meados da década de 80 o Brasil deparou-se com um grande desafio político e social, promover a reintegração dos sujeitos, a redemocratização do sistema e o ressignificado das relações sociais através da cidadania. Foi nesse contexto em que se iniciou uma análise dos movimentos sociais sob a ótica do direito social coletivo e da cidadania coletiva de grupos sociais oprimidos e/ou discriminados.

As experiências de ações coletivas mais recentes apontam duas inovações principais: uma quanto ao formato organizacional (redes, parcerias, iniciativas, campanhas de solidariedade, etc.) e outra quanto ao conteúdo da ação (sentido da cidadania, justiça social, qualidade de vida, etc.) (GOHN, 1997). A escola encontra-se nessa relação, a partir do momento em que foi convidada a assumir a co-responsabilidade pelo processo de inclusão e efetivação da cidadania. Nossa perspectiva de análise não se restringe unicamente ao segmento daqueles com necessidades especiais, mas, sobretudo, a crianças e jovens excluídos do processo de desenvolvimento social, no caso: socialização de riquezas materiais, serviços básicos, formação educacional e cultural e amparo a vida.

A Prática da Capoeira na Educação Física e sua contribuição para a aplicação da Lei 10.639 no ambiente escolar.

A prática da capoeira não se restringe a mais uma atividade física dentro da escola, somos necessariamente levados a debater o seu teor político, socializador e promotor da igualdade racial, na medida em que promove a integração dos sujeitos numa perspectiva homogênea e harmoniosa consigo e com o próximo. Essa capacidade atende aos anseios da Lei 10.639 promulgada em 2003 com o objetivo de reparar um erro histórico frente à história e as práticas culturais da comunidade negra africana e brasileira. A capoeira é fruto dessas práticas culturais, advém de referenciais negros e de trocas simbólicas fortemente marcadas pelas condições de vida desumanas as quais o negro no Brasil foi submetido.

A sanção da Lei 10.639/2003 e da Resolução CNE/CP/2004 é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação. Diante da publicação da Lei, o Conselho Nacional de Educação aprovou o parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito

de sua jurisprudência, orientar e promover a formação de professores e supervisionar o cumprimento das Diretrizes.

Como podemos perceber o caráter da Lei é plural, sua aplicação é responsabilidade de toda a comunidade escolar, uma vez que o maior desafio consiste na superação do preconceito entre estudantes, professores e gestores, todos expostos aos mesmos referenciais preconceituosos, degradantes e excludentes que pairam sobre a população negra no Brasil. Dito isto, queremos ressaltar aqui o papel fundamental a ser desempenhado pelo educador físico na escola rumo à superação das desigualdades raciais e sociais.

O educador físico possui a prerrogativa de trabalhar o aluno na sua totalidade, intelecto, físico e psicológico, é o único profissional dentro da escola que tem condições reais de intervir dinamicamente na formação do aluno, levando em conta a práxis pedagógica a qual congrega teoria, no caso, conhecimento da história africana e afro-brasileira, e empírica, concretização das práticas culturais através, por exemplo, do exercício da capoeira, da vivência palpável e concreta. Contudo, para que a educação física escolar possa congrega os saberes culturais originalmente africanos e transformá-los em instrumento promotor da superação do preconceito, faz-se necessário um entendimento político quanto à questão, um envolvimento direto do professor com a realidade aqui exposta e, ainda, um ingrediente a mais em sua formação no que diz respeito aos referenciais teóricos essenciais ao conhecimento da história e cultura africana e afro brasileira. Este é um desafio considerável levando-se em conta a indisposição de um boa parcela de educadores físicos os quais tem demonstrado maior preocupação com a prática efetivamente, e um certo descaso com as reflexões teóricas.

Conforme destaca os PCNs (1997), o corpo docente tem a responsabilidade de introduzir na escola o debate sobre o multiculturalismo e pluralidade cultural, não é atribuída maior responsabilidade aos professores da área de humanas, espera-se que todos, independente da área e formação, possam discutir o papel de diferentes povos no contexto cultural e educacional. Nessa direção, indagamos: como o educador físico pode se organizar e estruturar para fomentar esta discussão e alinhar estratégias educativas? Talvez essa resposta não seja fruto de uma simples reflexão monográfica, mas sim de uma profunda investigação científica quanto às estratégias possíveis de ação e intervenção. Todavia, acreditamos que pequenas medidas podem ser tomadas rumo à superação da problemática aqui exposta, a começar, pelo reconhecimento de que não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de “coisificação” dos povos africanos (BRASIL, 2004).

Estabelecer um diálogo com esse passado por meio de pesquisas, de encontros com a ancestralidade preservada é fundamental para iniciarmos o processo de transformação. Cabe estudar as lutas de resistência aos processos históricos excludentes, de forma a que não continuemos reproduzindo os esquemas criados pelo modo capitalista de pensar e que vislumbremos outras forças capazes de nos mobilizar.

Pensar propostas de implementação da Lei 10.639, é focalizar e reagir a estruturas escolares que nos enquadram em modelos por demais rígidos. Atentarmos para a interdisciplinaridade nesta proposta é estarmos abertos ao diálogo, à escuta, à integração de saberes, à ruptura de barreiras, às segmentações disciplinares estanques (BRASIL, 2004).

Levando-se em conta que a base reflexiva e de ação da Educação Física está no corpo, no movimento, acreditamos não ser um impedimento para o educador físico entender e incorporar a lógica da cultura negra e sua valorização do corpo. Na perspectiva negra o corpo é fundamental. Sobre o corpo se assenta toda uma rede de sentidos e significações. Esse não é apartado do todo, pertence ao cosmos, faz parte do

ecossistema: o corpo integra-se ao simbolismo coletivo na forma de gestos, posturas, direções do olhar, mas também de signos (SODRÉ, 1996, p.31).

Para este autor, o corpo humano deve ser entendido em relação a outros corpos, de animais, pedras, árvores, e “é ao mesmo tempo sujeito e objeto” (idem, p.31). Assim sendo, partilha do cosmos como uma interseção entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos e da divindade. O corpo é a representação concreta do território em movimento. Ao contrário de uma percepção de mundo na qual a alma é onde reside à força e a possibilidade de continuidade, para uma cultura negra a força está no corpo, não existe essa idéia de uma força interior alavancada pela ação da fé. Faz-se imprescindível ao educador físico entender essa relação do negro com o corpo para que seu trabalho possa gerar as transformações necessárias.

Todos trocam algo entre si, homens, mulheres, árvores, pedras, etc. Sem a partilha, não há existência possível. Essa visão é decorrente da importância dada ao orixá Exu no sistema africano Yorubá e afrodescendente, pois ele é o responsável pelo movimento. Sem Exu o mundo seria estático, não haveria vida. Vale ressaltar que para os africanos Exu não significa necessariamente uma entidade religiosa, mas um princípio dinâmico de diálogo e encontro entre seres humanos e a natureza como um todo. (OLIVEIRA, 2003).

Na visão de mundo negra implica a possibilidade de abertura para o mundo, para a vida e principalmente para o outro. Por exemplo, em uma roda de capoeira, todos que compartilham os códigos são aceitos, desde que se coloquem como parceiros e respeitem a hierarquia. A roda aqui representa o círculo, representa a ciranda da criação. É o símbolo da horizontalidade nas relações humanas. Portanto, o referencial não deve partir de grandes sagas ou heróis, mas do reconhecimento da igualdade sem limite e ímpar entre uma cultura africana e afro descendente e uma branca, eurocêntrica, ocidental.

O reconhecimento da capoeira como forma de resgate dos valores de nossa sociedade

O resgate da cultura é fundamental em qualquer lugar. Resgatar e valorizar, dar valor, à sua cultura, suas origens, é, sobretudo no Brasil atual, uma necessidade premente. Através da capoeira, ao resgatarmos nossas origens; povo mestiço, Ribeiro (1997), por excelência, que somos, valoramos a nós mesmos (criamos um sentido de ser) e nesse valorar passamos a significar de forma admirativa. Admirar significa “olhar de certa distância”. Assim ao admirar o outro se questiona: o que é isso que eu olho ou quem é esse que eu olho? E o que é olhar? Como o olhar de alguém está trabalhado, elaborado, construído? E a capoeira constrói esse olhar complexo através da música, da dança, da ética criativa, da solidariedade e do estudo das nossas raízes.

Na sua prática filosófica, Carneiro (1977), a capoeira identifica e forma o cidadão através dos seus princípios, a roda um local democrático, nela destacam-se o cantor, o público em geral, os jogadores, não necessariamente precisam ser bons de capoeira para participar da roda, nem tão pouco se discrimina gênero, classe social, raça ou religiosidade, isso afirma neste espaço a igualdade entre as pessoas, basta ser capoeirista, sentir correr no sangue a expressão da arte afro-brasileira. “Capoeira é para homem, menino e mulher” Mestre Pastinha (1988).

O praticante de capoeira encanta-se com tantas possibilidades ao seu alcance de crescimento individual e coletivo. Para que se mantenha o axé (energia positiva que envolve a dinâmica da roda) todos precisam participar respondendo em coro, batendo

palmas, tocando instrumentos (Berimbau, pandeiro, reco-reco, atabaque e agogô), relacionando-se constantemente uns com os outros.

Em Maceió a capoeira já descobriu sua maior utilidade que é a de participar no processo de “formação para a cidadania”, trabalhando com pessoas de várias classes sociais: pessoas de todas as idades, menores na rua, portadores de necessidades especiais.

Brasileiros e estrangeiros, todos aprendem um pouco a história da nossa terra, nossas raízes, a geografia do nosso estado. E isso ocorre num espaço lúdico, numa formação em que se “joga”, se diverte, e se aprende cidadania e orgulho da nossa terra e das nossas origens, raízes multiculturais, sobretudo afro-brasileiras através dos cantos, da música e da nossa história.

Na capoeira temos uma ética que é a ética mestiça, ética de uma criatividade promotora do humano. Ética que vindo do passado, esboça-se no presente e num processo de alteridade, traça os perfis de um futuro em que não mais o homem “saber”, mas o humano “lúdico, lúcido e responsável”, promotor de uma “vida libertadora e criativa”.

Há uma necessidade de reconsideração histórica e valorização da cultura corporal nacional. Além disso, recentemente a capoeira foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio histórico nacional. O registro da Capoeira como patrimônio histórico imaterial ocorreu no dia 15 de julho de 2008 em Salvador, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan.

O acontecimento desse fato reforça a importância de considerá-la como expressão cultural que deve ser privilegiada. Nesse sentido, a capoeira enriquece a formação, especialmente por sua expressão como manifestação cultural afro-descendente, conjunto de sentidos, transmitidos historicamente, incorporados e expressos em formas simbólicas cheias de significado.

Não obstante, a Capoeira apresenta grande diversidade cultural e possibilidades de aprendizado. Dentre elas destaca-se a incorporação de elementos de lutas orientais, a preservação da herança cultural e da simbologia dos negros escravos que construíram uma série de artimanhas corporais visando sua defesa e libertação. Nessa esfera, a capoeira oferece múltiplas possibilidades de intervenção com formas competitivas, de espetáculo, de aprendizado e valorização cultural contemplando tanto a atuação do bacharel como a do licenciado (SILVA, 2002).

O jogo permite, ainda, a compreensão de uma nova sensibilidade do sujeito que luta/joga capoeira, especialmente pela não utilização de golpes traumáticos permitindo uma ação dialogada que reconhece os limites do outro. Em substituição a violência e submissão do outro a prática da capoeira centraliza a importância do ritmo, do ritual e do lúdico (FALCÃO, 1996).

Ressalta-se, ainda, que essa manifestação cultural se caracteriza pela luta pela libertação, símbolo de resistência contra os vários tipos de dominação, espaço para a construção da identidade e aprendizado cultural. Dessa forma, a prática da capoeira configura-se em um rico processo pedagógico pautado em uma educação libertadora. Nesse âmbito, a tematização da capoeira surge como possibilidade de aproximação da universidade com as manifestações culturais e étnicas, procedimento que tem recebido grande incentivo e atenção da comunidade local e dos governos centrais.

Acredita-se, também, a tematização da capoeira nos cursos superiores de Educação Física apresenta inúmeras possibilidades de conteúdo e prática que devem iniciar com a trajetória histórica da capoeira, desde o seu surgimento passando pela repressão de sua vivência até a sua institucionalização. Posteriormente, pode-se trabalhar seus fundamentos técnicos e ritualísticos, seus processos identitários, e seus sistemas de classificação e hierarquização.

A cultura corporal do movimento a partir da visão afro-brasileira e sua influencia na sociedade contemporânea

Partimos do entendimento que o homem é um ser historicamente construído e culturalmente modificado dentro de uma sociedade, dotado se um senso criativo capaz de interferir na cultura a qual pertence e por ela também ser modificado. Esta concepção nos traz a imagem do ser humano como ser criativo, produtor, reprodutor e transformador cultural.

E, admitindo a cultura como sendo uma palavra impregnada de história e encharcada de significado, é válido pensar que se proteja e preserve o entendimento de conceitos importantes para a transmissão de um legado através de gerações. No entanto, o que se tem percebido é que diversidade da herança cultural popular tem sido historicamente afastada do âmbito educacional brasileiro, especialmente a cultura corporal e arte. Isto porque, a educação no Brasil percorreu uma trajetória distante dos movimentos e das classes populares, embora presenciemos, ao longo do século vinte, diversos e diferentes movimentos em que as organizações populares propunham uma concepção popular de educação que encontrava certa expressão. No entanto, as políticas públicas brasileiras até hoje, ainda não deram a devida importância e tratamento à temática educação e cultura popular.

A pessoa indivíduo, principalmente o brasileiro, ao praticar Capoeira, tem a oportunidade de vivenciar o contato com sua própria cultura, na medida em que passa a apropriar-se da história desta *arte-dança-luta-jogo* de raiz africana, mas de origem brasileira.

A Capoeira foi inspirada em danças e rituais dos negros africanos, os quais foram trazidos como escravos para os engenhos de açúcar, no Período Colonial brasileiro. Originou-se e desenvolveu-se aqui, todavia, como uma forma encontrada pelos negros escravos, de lutar contra e resistir às injustiças da escravidão, pela sobrevivência física e cultural de seu povo. A Capoeira apresenta-se, principalmente, como uma forma que o Negro encontrou para buscar sua liberdade.

Após a abolição da escravatura, ela logo se tornou uma poderosa e genuína forma de resistência dos mais variados grupos ou classes oprimidas.

Atualmente, apesar de a Capoeira ter se disseminado por vários países do mundo, o que facilmente notamos, ainda, é o fato de ela ser mais aceita entre as classes mais pobres, e de sofrer certa discriminação social frente a outras práticas esportivas e culturais. Tal fato talvez se deva ao seu próprio processo histórico de exclusão.

Aprender Capoeira, então, é aprender sobre a formação cultural do povo brasileiro, praticar Capoeira é uma forma de manter vivo o jeito de ser do nosso povo, é trabalhar nossa identidade cultural. Quando uma pessoa conhece e pratica a Capoeira, entra em contato com a riqueza cultural brasileira, com um modo genuíno e peculiar de ser-no-mundo. Na Capoeira, enfim, o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar uma *aprendizagem significativa*, onde aprendiz envolve-se como um todo (o corpo é a alma e a arma), tirando lições extremamente ricas para a vida.

Mais que um esporte, uma dança, uma luta ou um jogo, a Capoeira é uma manifestação cultural que representa um modo de enfrentar o mundo e a vida. Uma forma que o povo brasileiro, principalmente as classes mais oprimidas e marginalizadas, encontrou e desenvolveu para resistir e lutar contra injustiças sociais, e contra formas autoritárias de relação. Ela se apresenta como uma forma de *aprendizagem significativa* que se coloca como uma importante fonte de desenvolvimento e crescimento para seus praticantes. Na medida em que é uma atividade de intensa expressividade, constitui-se como extremamente significativa em termos de aprendizagem.

A Capoeira também é terapêutica, na medida em que proporciona situações hermenêuticas, situações de interpretação (em seu sentido dramático e teatral) vivencial, de atualização (ato-ação) das possibilidades de ser inerentes ao homem. Possibilidades de resgate do potencial de desenvolvimento e crescimento pessoal.

A capoeira como instrumento promotor da inclusão social e fomentadora da cidadania

Inclusão social é uma filosofia de trabalho e, para que ela exista, é preciso ter comprometimento com a causa das minorias, dos menos favorecidos e dos que se sentem excluídos. Nesse sentido, a inclusão social deve ser entendida como um processo, uma construção coletiva, que busca a superação da discriminação, do preconceito, da intolerância, das desigualdades e dos conceitos estereotipados. Cada um de nós carrega em si uma dificuldade, um limite que se manifesta no encontro com o outro. Nesse processo de negociação, é preciso enxergar os pontos de vista pessoais, alheios e coletivos, encontrando respostas equilibradas, que promovam unidade, cooperação e camaradagem. Cada situação do dia a dia oferece-nos oportunidades de trabalhar em prol da inclusão.

A capoeira que se propõe ser inclusiva deve ser cuidadosa em seus métodos e em suas bases pedagógicas. Deve promover a reflexão e o exercício diário dos valores. Deve ter como base a afetividade e o estabelecimento de vínculos saudáveis e construtivos que contribuam para a formação da identidade dos seus praticantes. Em todo o Brasil, têm proliferado os trabalhos do terceiro setor em diversos projetos junto às comunidades. A capoeira vem ocupando espaço de destaque nesse contexto e oferecendo contribuições significativas para a inclusão social (SILVA, 2003).

Gradativamente, a capoeira vem promovendo inclusão de pessoas que, até bem pouco tempo, estavam distantes e separadas da sua prática. A presença das mulheres, por exemplo, era um acontecimento raro. Havia muito poucas. As que se arriscavam a entrar na roda ganhavam notoriedade. Aos olhos do preconceito, capoeira sempre foi coisa para homens, “como é possível uma mulher pensar em misturar-se neste ambiente?”. Nos últimos anos, essa realidade vem sendo modificada radicalmente e, em alguns grupos, as mulheres chegam a ser maioria nas aulas e nas rodas. São realizados encontros femininos de capoeira, nos quais são discutidos temas relacionados com a afirmação e a valorização da mulher na e por meio da capoeira. Na capoeira não existe distinção entre roda feminina e masculina. São iguais as possibilidades para mulheres e homens, que jogam, cantam e tocam de igual para igual. Existem respeito e integração de gênero (idem, 2003).

Quando falamos em inclusão não podemos deixar de falar dos portadores de necessidades especiais, entre essas, o que é mais importante: a capacidade de acreditar na vida e de superar limites, dar a volta por cima, desenvolver o seu potencial e alcançar seus objetivos. Também para essas pessoas, a capoeira tem representado um grande instrumento de desenvolvimento biológico, psíquico e social. Os portadores de necessidades especiais conseguem aderir à prática da capoeira, seja realizando movimentos, tocando ou cantando. Muitas novas metodologias têm sido desenvolvidas para o ensino da capoeira para essa população. Cada vez mais, vemos a capacidade de inclusão da capoeira ser ampliada. Há grupos de trabalhos constituídos exclusivamente por portadores de necessidades especiais e há grupos heterogêneos compartilhando o mesmo espaço, o que tem trazido resultados surpreendentes. Pessoas são especiais por diversos motivos, mas principalmente por terem um nível de sensibilidade diferenciado. O que em um primeiro momento pode gerar uma limitação, na verdade passa a ser um desafio, que, quando superado, traz felicidade e realização pessoal (SILVA & HEINE).

Como a formação acadêmica pode contribuir no ensino da capoeira na escola

A democratização do ensino permitiu que os desfavorecidos, de entre os quais capoeiristas, tivessem acesso a saberes que legitimassem teoricamente a capoeira, mais ainda é fraco o olhar de reconhecimento oficial da capoeira como manifestação de riqueza multifacetada, passível de incentivo deliberado de sua disseminação pelo país, traduzido em práticas que conduzem à efetivação de sua escolarização.

Nos cursos de educação física, poucas universidades ministram a disciplina de capoeira (por falta de professores universitários habilitados na área e também por descaso), e aquelas que a ministram resumem a formação na área há um semestre ou um ano (num ritmo de duas horas semanais), o que é insuficiente para um saber tão diversificado e complexo, cujo domínio exige uma vivência prolongada. Por isso é difícil encontrarem-se professores de educação física habilitados para ministrar aulas de capoeira, pois a falta de vivência veda-lhes esta possibilidade.

Restaria recorrer ao contingente enorme de capoeiristas formados (apenas em capoeira) para suprir essa lacuna dos professores de educação física. Só que um novo problema surge, visto que esses capoeiristas (que detêm o domínio do saber cultural empírico da capoeira), muitas vezes não detêm os conhecimentos mínimos de pedagogia e didática (principalmente infantil), o que se constitui numa limitação muito grave, visto que as escolas têm que manter um compromisso com a qualidade de seu processo de ensino-aprendizagem.

Esta situação faz com que seja difícil a introdução generalizada da oferta da capoeira ao nível das escolas, pois se, por um lado, aqueles que estão habilitados a educar (professores de educação física) não estão habilitados para ensinar capoeira: por outro aqueles que estão habilitados para ensinar capoeira (capoeiristas formados num contexto extra-educacional) não estão habilitados para educar ao nível escolar.

Em suma, podemos afirmar que a principal limitação à oferta generalizada da capoeira ao nível escolar é o seu distanciamento do mundo acadêmico, que faz com que não haja um contingente de indivíduos que paralelamente dominem o saber empírico da capoeira e os saberes científicos de ensino, capazes de, além de incentivar e

promover a sua prática, justificar a sua introdução os currículos educacionais e sua conseqüente escolarização massificada.

Deve-se salientar que em tempos de discussão acirrada de uma nova perspectiva científica, anti-fragmentada – a holisticidade, que procura encarar o ser e o mundo sob uma ótica integradora de complementaridade, a capoeira, em função da diversidade de implicações que possui no seu seio, se revela como exemplo vivo de uma manifestação humana holística e integradora que apesar de estar tão perto e à nossa vista, passa despercebida às autoridades que, paradoxalmente, deveriam se constituir no seu maior defensor e incentivador.

E se levarmos em conta a manifesta incapacidade que as escolas têm demonstrado em garantir a oferta dessa vasta gama de atividades motoras no sentido de garantir um desenvolvimento motor global. Mais, certos ficaremos da pertinência da valorização e do incentivo à prática generalizada da capoeira por parte das instituições que, na verdade, são as responsáveis pela falta de condições materiais da escola, com mostra de sua real preocupação com a garantia mínima do cumprimento dos objetivos educativos universais, isto na medida em que ela reúne todas as condições para fechar muitas das lacunas deixadas pela situação atrás descrita, além de não depender da aquisição de materiais dispendiosos para sua implementação, e de Ter um contingente de agente que poderiam ser aproveitados em prol do sistema educativo (que os integraria através da educação complementar).

Enfim, uma manifestação cultural puramente nacional, com potencialidades educativas incontáveis, passível de ajudar a resolver problemas educativos concreto, merece, sem dúvida nenhuma, ser eleita como meio privilegiado de educação, e incentivada em todos os cantos do país, quanto mais não seja por que está ganhando cada vez maior visibilidade integradora (onde essa temática já está mais bem compreendida).

Há que se despir dos preconceitos retrógrados e obsoletos e caminhar para uma identidade nacional soberana, se quisermos sobreviver à autêntica “fagia cultural” da qual estamos (o terceiro mundo) sendo vítimas, ao nos integrarmos à “romântica” aldeia global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi observada a importância cultural, histórica, comportamental, e social, da introdução da cultura corporal através do uso da capoeira na educação física escolar.

Através do levantamento bibliográfico de artigos científicos, jornais e revistas, pôde-se observar que cada vez mais a Capoeira tem se incorporado ao ambiente escolar, seja nas aulas de Educação Física, atividades extracurriculares, datas comemorativas, apresentações de grupos da comunidade, etc. Porém, foi a partir da criação dos PCN's em 1998, que a Educação Física passou a contemplar mais esta modalidade de esporte, jogo, folclore, arte, cultura com legitimação.

O nosso intuito foi à colaboração com todos os interessados no estudo e pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo, transmitidos pelo processo educacional (família, comunidade, escola e meios de comunicação social) propondo a arte da Capoeira como medida educativa libertadora e de combate aos

referidos fenômenos discriminatórios.

Na consecução deste intento encontramos a oportunidade de agrupar algumas informações quanto à Capoeira em sua trajetória histórica, facilitando ao público interessado o acesso a dados geralmente esparsos em trabalhos genéricos.

É indispensável à reflexão da sociedade quanto à questão específica do negro como produtor da cultura afro-brasileira. Esta é simplesmente considerada primitiva e inferior, gerando assim complexos psicológicos nos descendentes das etnias de origem africana.

Temos observado uma reação positiva contra o eurocentrismo - mormente na região nordeste do Brasil - com a revolução estético-cultural levada a efeito pelos blocos afros e afoxés. A juventude negra assume novos valores e comportamentos que se expressam na moda afro e na linguagem, inclusive influenciando no relacionamento interpessoal. O negro se orgulha de suas raízes africanas e devemos partir para o estágio final de descomplexização do negro e do branco. Temos assim a solidificação de nossa cultura, não apenas como noção superficial de nossas origens, mas com uma visão aprofundada em nossas raízes, deixando bem claro como tão diversificada foi a nossa formação étnica e cultural.

É evidente que não possuímos a pretensão de esgotar neste ligeiro trabalho o tema Capoeira e sua importância no seu uso na educação física escolar, mas provocar seu estudo, incentivar sua prática e - acima de tudo - defender seu valor.

Esperamos que outras vozes se manifestem, e propaguem o ideal da capoeira trazendo a tona o seu debate, não somente no âmbito de seus participantes, mas no ambiente acadêmico, levando ao conhecimento da população em geral seus verdadeiros valores, chegando-se ao ambiente escolar com propostas pedagógicas adequadas aos dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Raimundo C.A. de. Mestre Atenilo. *O Relâmpago da Capoeira Regional*. Salvador: ABPC. 2 ed. 1991. 61 p.
- AREIAS, Almir das. *O que é Capoeira?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense. 1984. 87 p.
- ARNT, Ricardo. NETO, Ricardo Bonalume. *A Cara de Zumbi*. Super Interessante. São Paulo: ano 9, n.11, p. 30-42. nov. 1995.
- BARBIERI, César. *Um jeito Brasileiro de aprender a ser*. 1. ed. Brasília: Cidoca.1993. 196 p.
- BARBIERI, C.A.S. O que a escola faz com o que o povo cria: até a capoeira entrou na dança. Tese (Doutorado em Educação). UFSCar. 2003
- BETTI, M. (Org.) *Educação física e mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*, v. 7 educação física, Brasília: MEC, 1997.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- _____. Cartilha do PETI. Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Secretaria de Estado de Assistência Social. Brasília, 2004.
- _____. Lei Federal nº. 10.639, de 9/01/2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no

- Brasil. Brasília: Gráfica do Senado, 2003. Regionais de Educação Física. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2 set.1998.
- CARNEIRO, E. *Candomblé da Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
 - CAPOEIRA, Nestor. (1981), *O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira*. São Paulo, Ground. (1985), *Galo já Cantou: Capoeira para Iniciados*. Rio de Janeiro, Arte Hoje.
 - CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira - Os Fundamentos da Malícia*. Rio de Janeiro: Record.1. ed. 1992. 236 p.
 - CHIAVENATO, J. J. *O negro no Brasil: Da senzala à Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ed Brasiliense.1980.
 - COSTA, Reginaldo da Silveira. *Capoeira: O Caminho do Berimbau*. Brasília: Thesaurus. 1993. 148 p.
 - COUTINHO, Daniel. *O ABC da Capoeira Angola: Os manuscritos de Mestre Noronha*. Brasília: Cidoca. 1993.
 - DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2007.
 - DARIDO, S. C. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 - DARIDO, S.C. et al. Resenha Do Livro A Prática Educativa De Antoni Zabala. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 23, n. 2, p. 195 – 204, jan. 2002.
 - DARIDO, S. C. & RANGEL, I. C. A. (coordenação). *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2005.
 - FALCÃO, J. L. C. A esportivização da capoeira: uma análise histórico - crítica. VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996. Rio de Janeiro. Brasil. Universidade Gama Filho; 1996 . p. 321.
 - FILHO, Ângelo A. (Mestre Decânio). *Falando em capoeira*. Salvador: Col. ... Rio de Janeiro: Tese de doutorado, Escola de Comunicação da UFRJ, 2001.
 - FRIGERIO, A. Capoeira de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 04 n. 10. Junho/1989
 - GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; NETO, L. S. Cultura corporal de movimento. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 25-36.
 - GALVÃO, Z. Educação Física Escolar. A prática do bom professor. *Revista Mackenzie e Educação Física e Esporte*, 2002; 01(01): 65-72.
 - GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
 - GOMES, Nilma Lino. A Contribuição dos Negros para o Pensamento Educacional Brasileiro. IN SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves, BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. *O Pensamento Negro em Educação no Brasil – expressões do movimento negro*. São Paulo: Editora da UFSCAR, 1997. 17-30.
 - GUIMARÃES, A.S. *Classes, Raças e Democracia*, 1ª edição. São Paulo. Editora 34, 2002.
 - GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA. *Zumbi*. São Paulo: Abril Cultural Ltda. n.8. 1969. 156 p.
 - HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Trad. Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro) 7ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

- MARINHO, Inezil Penna. *Introdução ao estudo do folclore brasileiro*. Brasília: Horizonte Editora Ltda. 1980. p 68-69.
- McLAREN, P. Multiculturalismo crítico. São Paulo: Cortez, 1997.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In.: OLIVEIRA, Dalila Andrade. Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.13-38.
- PASTINHA, Mestre. *Capoeira angola*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 3 ed (fac-similar)1989. 76 p.
- QUERINO, Manoel. *Costumes Africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988. p 195-199.
- REIS, L. V. S. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- REGO, W. Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico. Salvador. Itapuã, 1968.
- Revista Brasileira de Ciências Sociais. *Capoeira: De arte Negra à Esporte Branco* - São Paulo: Ed. Revista dos tribunais n 10, vol. 4, Junho 1989, p 85 - 98.
- SANTOS, Fernanda. *Lute, dance, jogue Capoeira*. Boa Forma. São Paulo: n9, p. 60-63. set. 1994.
- SANTOS, A. O. *Capoeira: arte-luta brasileira*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1993.
- SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: outubro de 2004.
- SILVA, P. C. C. Capoeira e Educação Física – uma história que dá jogo... Primeiros apontamentos sobre suas inter-relações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. V.23, n.1, p.131-145, set, 2001.
- SILVA, Petronilha B. G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. IN BARBOSA, Lúcia M. de A.;
- SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (orgs). De Preto a Afro-Descendente - trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: Edufscar, 2003. pp. 181-197.
- SILVA, P. C. C. A educação física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização. *Dissertação (Mestrado em Educação Física)*. Campinas-SP, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- SILVA, Gladson de Oliveira & Heine Vinicius. *Capoeira um Instrumento Psicomotor para a Cidadania*. São Paulo, 2007 (no prelo). Civilização Brasileira, 1996. THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de História da Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- VIEIRA, L. R. & ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Centro de Estudos Afro-asiáticos/CEA*. Rio de Janeiro, (34) p.81-121, dez. 1998.